



CORPO DE DELITO

RAFAEL

Rafael não conheceu Schuman, Monnet e outros, não discutiu as virtudes do projecto europeu como instrumento de paz, não sabia nada sobre geopolítica



Rui Patrício

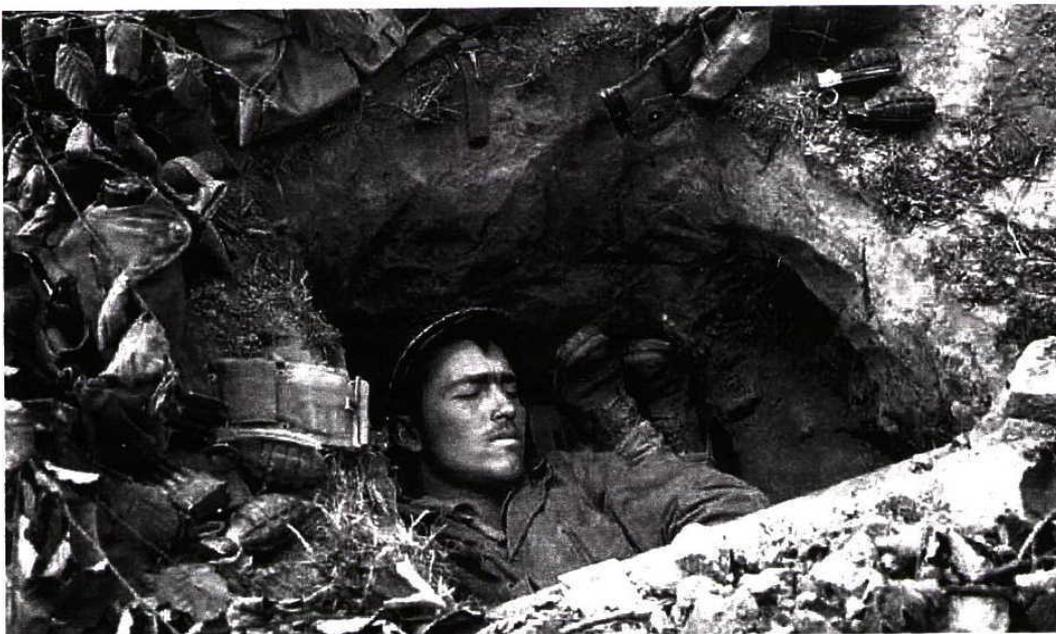
Na guerra, a carne que alimenta as baionetas e a metralha não é a dos estadistas nem a dos generais. E mesmo oficiais de patente mais baixa ou homens políticos menores raras vezes dão o corpo ao manifesto. São dos soldados os gritos que acompanham o rasgar da carne. Talvez por isso lhes devesse ser perguntado o que pensam dos factores da guerra e da paz. Mesmo aos de menos letras, aos quais faltará em capacidade de abstracção e de pensamento elaborado o que sobrará em instinto de preservação e em percepção clara das coisas simples.

Na manhã de 19 de Fevereiro de 1917, Rafael tinha aquele instinto e aquela percepção. Não saía com vontade da sua aldeia ribatejana, a caminho do Norte de França, onde o esperava a escavação de trincheiras, a fome, o frio, a morte de camaradas ou a sua, no

caminho do gás, das balas ou de alguma baioneta certa. Rafael não sabia bem quais as causas daquela grande guerra, a primeira dita mundial, mas que afinal era europeia – tão europeia como a dos cem anos, a dos trinta, a napoleónica, a franco-prussiana, *et cetera*. Também ignorava que, mais coisa menos coisa, as causas de todas elas eram as mesmas, e que se repetiriam daí a pouco mais de 20 anos, quando noutra grande guerra, a segunda mundial, mas essencialmente europeia também, muitos foram para outro Norte qualquer, perder-se na lama, no frio, na doença ou meter-se no caminho da metralha. Depois disso, e já lá vão quase 70 anos, não voltou a haver trincheiras por essa Europa fora (excepto em guerras localizadas, algumas condição cruel e hipócrita de uma paz generalizada). Rafael, que morreu quase a chegar aos 80, ainda assistiu a parte desse período de acalmia. Não reflectiu sobre as causas, mas, embora nunca ninguém lhe tivesse perguntado, fossem elas quais fossem, pareciam-lhe bem, pela razão simples de que o resultado era bom: da sua aldeia ribatejana nunca mais ninguém partira para cavar trincheiras, ser gaseado, baleado ou morrer de doença.

Quando se discute sobre acabar ou não com a União Europeia, há generais, estadistas, oficiais de menor patente, homens políticos menores e muitos outros, todos nascidos ou vividos nestes 70 anos, que opinam com facilidade que se deveria acabar com ela. Rafael não conheceu Schuman, Monnet e outros, não discutiu as virtudes do projecto europeu como instrumento de paz, não sabia nada sobre geopolítica e sobre os vasos comunicantes entre os ingredientes da paz e da guerra e ignorava os custos do projecto europeu e as suas arrumações entre mais fortes e mais fracos. E também já cá não está para assistir. Mas, se estivesse, uma coisa saberia, recordando a sua manhã fria de Janeiro: não gostou de ir para o Norte de França, viver o que viveu, ver o que viu e deixar lá os camaradas que deixou. E também não gostaria que a geração dos filhos dos seus bisnetos tivesse uma manhã como aquela sua. Isto, mesmo sem que Rafael, meu bisavó, tivesse muitas letras. Afinal era apenas um simples homem do campo, temporariamente convertido em sapador na grande guerra europeia.

Advogado. Escreve ao sábado



Paz na Europa, uma vítima possível dos discursos popularistas do ódio